



ON PRAYER

*The Sermons of  
St. Francis de Sales*





# Índice

[Sobre São Francisco de Sales](#)

[Prefácio](#)

[Nota do tradutor](#)

[Introdução](#)

[1. O Objetivo da Oração](#)

[Dado no terceiro domingo da Quaresma, 22 de março de 1615, sobre a utilidade e necessidade da oração, as operações do entendimento, meditação, petições, contemplação e o objetivo da oração](#)

[2. O Espírito de Oração](#)

[Dado no quarto domingo da Quaresma, 29 de março de 1615, sobre quem pode rezar e as três condições para rezar bem](#)

[3. Os Tipos de Oração](#)

[Dado no Domingo da Paixão, 5 de abril de 1615, sobre as orações dos pecadores, o que pedir a Deus, oração vital, oração vocal, orações obrigatórias e não obrigatórias e o Ofício Divino](#)

[4. O Coração da Oração](#)

[Dado no Domingo de Ramos, 12 de abril de 1615, sobre oração direta e indireta, postura corporal durante a oração, os quatro níveis da alma, meditação, contemplação e ejaculações](#)

**Os Sermões de  
São Francisco de  
Sales sobre a Oração**

**Volume I  
da série**

# **São Francisco de Sales**

Nihil            Rev. Mons. John H. Dewson Censor Librorum  
Obstat:

Imprimatur: †Rev. Paul J. Taggart Administrador da Diocese  
Wilmington, Delaware, 19 de outubro de 1984

Copyright © 1985 pelo Mosteiro de Visitação de Frederick, MD, Inc.

Número do Cartão de Catálogo da Biblioteca do Congresso: 84-52310

Design da capa por Milo Persic, [milo.persic@gmail.com](mailto:milo.persic@gmail.com).

Imagem da capa traseira cortesia de DeSales Resources and Ministries, Inc., Stella Niagara, NY.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento ou recuperação de informações, sem permissão por escrito do editor.

TAN Books  
Charlotte, Carolina do Norte  
[www.TANBooks.com](http://www.TANBooks.com)

2012

# Os Sermões de São Francisco de Sales

Volume I Em oração

Volume II Em Nossa Senhora

Volume III Para a Quaresma

Volume IV Para Advento e Natal

Volume V Sobre a vida consagrada

# ÍNDICE

[Sobre São Francisco de Sales](#)

[Prefácio](#)

[Nota do tradutor](#)

[Introdução](#)

[1. O Objetivo da Oração](#)

[Dado no terceiro domingo da Quaresma, 22 de março de 1615, sobre a utilidade e necessidade da oração, as operações do entendimento, meditação, petições, contemplação e o objetivo da oração](#)

[2. O Espírito de Oração](#)

[Dado no quarto domingo da Quaresma, 29 de março de 1615, sobre quem pode rezar e as três condições para rezar bem](#)

[3. Os Tipos de Oração](#)

[Dado no Domingo da Paixão, 5 de abril de 1615, sobre as orações dos pecadores, o que pedir a Deus, oração vital, oração vocal, orações obrigatórias e não obrigatórias e o Ofício Divino](#)

[4. O Coração da Oração](#)

[Dado no Domingo de Ramos, 12 de abril de 1615, sobre oração direta e indireta, postura corporal durante a oração, os quatro níveis da alma, meditação, contemplação e ejaculações](#)

## **SOBRE SÃO FRANCISCO DE SALES**

São Francisco de Sales, o santo bispo, fundador e doutor da Igreja, é conhecido em toda a Igreja por sua grande santidade, erudição, conhecimento teológico, gentileza e compreensão da alma humana. Através desses dons maravilhosos ele converteu e guiou inúmeras almas a Deus durante sua própria vida, e reconverteu milhares do calvinismo. Ele continua a dirigir muitas almas através de seus escritos espirituais e sermões publicados. Hoje São Francisco de Sales é conhecido como uma das grandes figuras da Contra-Reforma católica e do renascimento da vida mística católica no século XVII.

São Francisco nasceu em 1567 no castelo pertencente à família de Sales em Thorens, Savoy, localizado no que hoje é o sudeste da França. À medida que envelhecia, o jovem nobre estudou literatura, direito, filosofia e teologia em Paris e Pádua, e recebeu um doutorado em direito civil e canônico. Embora pudesse ter tido uma brilhante carreira secular, ele decidiu seguir o chamado de Deus para o sacerdócio e foi ordenado em 1593 aos 26 anos. Ele foi consagrado bispo de Genebra aos 35 anos e permaneceu bispo de Genebra por restantes 20 anos de sua vida.

Pouco depois de se tornar bispo, São Francisco conheceu Santa Joana Frances de Chantal, viúva; entre estes dois santos cresceu uma profunda amizade espiritual. São Francisco tornou-se o diretor espiritual de Jane Frances e, com ela, fundou a ordem religiosa de freiras conhecida como Ordem da Visitação, ou as Visitandinas.

São Francisco de Sales escreveu duas das maiores obras-primas católicas sobre a vida espiritual: a *Introdução à Vida Devota* e o *Tratado do Amor de Deus*. O primeiro mostra como a santidade é possível para

todas as pessoas em estado de graça, incluindo as pessoas que vivem no mundo. Este livro foi um best-seller no século 17 e ainda é popular hoje. O *Tratado do Amor de Deus* cobre todos os aspectos da virtude da caridade, o amor sobrenatural de Deus. Por causa de seus escritos, São Francisco de Sales tornou-se o patrono dos escritores e jornalistas.

São Francisco de Sales morreu aos 55 anos, no ano de 1622. Foi canonizado em 1665, e foi declarado Doutor da Igreja Universal pelo Papa Pio IX em 1877. Com esta declaração a Igreja apresentou os ensinamentos de São Francisco de Sales a todos os fiéis como guia mais seguro para a verdadeira doutrina católica e para os caminhos da vida espiritual - um guia mais seguro para o céu.

## PREFÁCIO

Um beneditino publicou recentemente um artigo intitulado "Deux âmes fraternelles: S. Bernard et S. François de Sales" - "Dois Irmãos no Espírito: São Bernardo e São Francisco de Sales". Muito verdadeiro! Um cisterciense sente-se muito "em casa" ao ouvir São Francisco. Mas assim, creio eu, qualquer cristão e amante de Cristo.

Estes sermões não só começam por evocar o nome do grande abade de Clairvaux, mas têm muito do seu estilo e sabor. Há o rico uso alegórico do Cântico dos Cânticos em três dos sermões e, de fato, em todas as partes das Escrituras. Dificilmente há uma linha que não contenha pelo menos uma alusão bíblica. Eles evocam toda uma série de tipos bíblicos: Jacó, Tobias, Jó, Davi, João Batista e Paulo.

Ao mesmo tempo, São Francisco de Sales é um homem de Tradição, aproveitando a riqueza da Tradição. Ele usa as fontes mais antigas, os Padres do Deserto, Santos. Antônio e Paulo; então Padres do Oriente e do Ocidente, S. Gregório Nazianzeno, Agostinho e Jerônimo; bem como "O Último dos Padres", São Bernardo de Clairvaux, e seu contemporâneo, São Bruno. Os franciscanos também estão aqui: São Francisco de Assis, Beato Giles e São Boaventura; e a tradição dominicana em Santa Catarina de Siena.

No entanto, Francisco de Sales é um homem de seu tempo – a era da escolástica. Mesmo que, logo no início de seu tratamento de seu tema, ele traga o velho paradigma da *lectio, meditatio, oratio e contemplatio*, sua principal abordagem é estudar seu assunto através de suas causas: a causa final, a mais importante, primeiro; depois as causas eficientes, materiais e formais. As distinções são abundantes: há três tipos de oração, e três tipos de oração vocal, e três tipos de

pecadores; quatro níveis de oração e quatro partes de oração mental. As aparentes contradições dos Pais são reconciliadas por distinções cuidadosas, e silogismos cuidadosamente elaborados provam que nem Deus Pai nem Jesus, Seu Filho, oram. No entanto, toda essa teologia nunca é muito trabalhada. A rica tradição patrística com todas as suas imagens bíblicas está tão envolvida nela, como as próprias imagens encantadoras de São Francisco, que às vezes não pode deixar de evocar um sorriso. Como monge, devo confessar que nunca me imaginei um lindo passarinho preso na gaiola do mosteiro para encantar meu Senhor e Rei!

Esses sermões são bem escolhidos para uma introdução a São Francisco de Sales. Eles são muito representativos da riqueza de seu estilo. E tratam do que ele mesmo declara estar no centro de todo o seu ensinamento: "A oração é tão útil e necessária que sem ela não poderíamos chegar a nenhum bem". Ao mesmo tempo, esses sermões são imediatamente úteis para nossa vida cotidiana. Francisco nos dá uma compreensão clara dos estágios de crescimento na oração, enquanto ainda adverte contra sermos pegos em uma busca para nos "localizar" na jornada. Ele tem algumas observações lúcidas sobre a importância da postura e do símbolo, e idéias muito práticas sobre a preparação para a oração, o uso de ejaculações e a oração do Pai Nosso. Mais importante, ele nos lembra que vamos orar não para ser bons oradores ou para desfrutar dos consolos da oração; vamos orar para encontrar Deus e nos unir a Ele. Busque o Deus da consolação e não as consolações de Deus. Seu ensino sobre a oração é claro, conciso e prático, mas sublime. Ela vai até o fim, manejando habilmente as graças da contemplação e a primorosa purificação de todas as faculdades interiores – enquanto o ápice do espírito se apega a Deus, começando "aqui embaixo o que faremos eternamente no céu".

Não importa onde se esteja na vida de oração, esses sermões podem ser lidos repetidas vezes com imenso proveito e fruto. Podemos ser gratos ao Padre Lewis Fiorelli e à TAN Books and Publishers por disponibilizá-los prontamente em inglês.

Padre M. Basil Pennington, OCSO

## NOTA DO TRADUTOR

Os quatro sermões sobre a oração contidos neste livro foram traduzidos de *Oeuvres de São Francisco de Sales*, vol. IX (Annecy: Niérat, 1892-1964), pp. 46-72. A Introdução intitulada "Origens dos Sermões" é um trecho do prefácio da edição de Annecy (páginas vx e xviii-xix). Na maioria das vezes, as únicas referências fornecidas aqui são referências bíblicas. (Ao dar seus sermões, São Francisco de Sales muitas vezes parafraseava as Escrituras.) Os interessados no uso mais acadêmico desses sermões podem consultar a edição de Annecy para referências clássicas e patrísticas.

## INTRODUÇÃO

### *Origens dos Sermões*

Os sermões de São Francisco de Sales dividem-se em duas séries: os assinados e os recebidos. Essa divisão é baseada não apenas no modo de transmissão pelo qual eles chegaram até nós, mas também no caráter especial, até mesmo na própria natureza desses sermões. Alguns foram preservados para nós assim que deixaram a pena do orador; outros, assim como caíram de seus lábios, ou pelo menos como foram ouvidos e compreendidos por seu ouvinte. Cada uma dessas duas séries tem seu mérito especial, sua forma própria, sua forma determinada. Na primeira, descobre-se o pensamento leve e vivo do autor e vê-se delineada a lógica de suas deduções, a força de seus argumentos. Na segunda, nota-se particularmente os encantos de sua palavra graciosa e imaginativa. Em ambos, sua inteligência e seu coração são revelados.

O que acabamos de dizer diz respeito apenas à forma, mas uma diferença essencial distingue essas duas classes de sermões. Os sermões assinados, que em sua maioria foram proferidos diante de um grande grupo público, revelam as principais linhas do discurso formal; estão repletos de erudição, repletos de textos da Sagrada Escritura e de aplicações práticas adequadas às mais variadas situações. Todos os assuntos de doutrina e moral, na verdade até mesmo vários pontos de controvérsia, são tratados ou tocados nesses sermões. Este não é o caso dos sermões recebidos, que são dirigidos principalmente a um público

particular , sujeito a obrigações especiais das quais o pregador nunca perde de vista. Aqui ele se aplica mais a tocar as almas do que à instrução. É a linguagem de um pai muito mais do que a de um mestre ou de um pastor.

Sob a rubrica de "sermões recebidos" devem incluir-se as palestras proferidas na Capela da Visitação, que foram escritas e cuidadosamente conservadas pelos religiosos que as ouviram. Foi um maná precioso que as filhas deste santo bispo recolheram; mas, ao contrário dos israelitas que não reservavam nada para o dia seguinte, essas irmãs faziam provisões para o futuro de seu instituto e até para a edificação de todo o povo cristão. Além disso, eles tinham precedentes em seu trabalho. Durante as estações quaresmais pregadas em Dijon e depois em Grenoble, e ainda em outras cidades, São Francisco de Sales tinha visto homens de primeira ordem postados assiduamente ao pé de sua cadeira para anotar suas admiráveis instruções como entregues. Infelizmente, essas coleções, que poderiam ter sido de tão grande valor para a posteridade, estão perdidas hoje. Devemos contentar-nos com aqueles que as Irmãs da Visitação nos reservaram.

Lembre-se que o santo fundador tinha duas maneiras de instruir seus religiosos. Às vezes era na sala, em conversas familiares em que cada uma podia fazer perguntas, pedir soluções para suas dificuldades e buscar esclarecimentos para suas dúvidas.

Outras vezes era na capela do mosteiro, diante de uma audiência restrita. Entre estas últimas instruções, deve-se fazer uma distinção adicional. Algumas foram dadas para solenidades em que o público era relativamente grande. Revelam uma preparação muito cuidadosa e revelam divisões claras e metódicas. Entre estes encontram-se exposições dos mais altos mistérios de nossa Fé, como a Trindade, a Encarnação, a Redenção, etc. Muitas vezes o santo bispo cita os Livros inspirados, obras dos Padres e Doutores da Igreja, e desenvolve essas citações com o a suavidade, a graça e a profundidade que nele conhecemos.

Ele procede de outro modo quando, sem excluir inteiramente os outros, dirige-se principalmente aos seus religiosos. É sobretudo nas

cerimónias do vestuário e da profissão, quando o santo Fundador abraça alguma alma eleita para "apresentá-la a Cristo como uma virgem casta", que encontra no seu coração os acentos mais ternos, mais comoventes. Seu estilo torna-se mais simples e mais imaginativo, mantendo ao mesmo tempo uma tonalidade grave, mesmo às vezes austera. E isso é algo notável: esses endereços, nos quais se pode temer uma certa mesmice, assumem uma grande variedade de formas. Parece que tudo oferece a este admirável orador a oportunidade de fazer metáforas deliciosas e de desenhar aplicações práticas tão engenhosas quanto inesperadas. Normalmente ele se inspira no Evangelho do dia ou na vida do santo cuja festa é; freqüentemente, também, práticas monásticas e circunstâncias insignificantes em si mesmas fornecem material para alusões em que uma perfeita graça e dignidade não excluem uma delicada ironia cujo ponto é completamente suavizado pela gentileza e caridade.

Nestas instruções familiares, o Bispo de Genebra justifica eminentemente o título de *Evangelium loquens* ("um Evangelho que fala") que seu amigo São Vicente de Paulo lhe dá. Ele prega incessantemente a renúncia de si mesmo, a humildade, a obediência, a renúncia a toda cobiça – em uma palavra, a morte do "velho homem", condição indispensável para a incorporação das pessoas a Nosso Senhor Jesus Cristo. O santo fundador não perde de vista que a Visitação é "fundada espiritualmente no Calvário". De preferência, ele se dedica a fixar as vistas de suas filhas nesta montanha redentora; e se de vez em quando lhes permite contemplar as alturas radiantes do Tabor, é apenas para lhes lembrar que ainda não chegou a hora de armar uma tenda ali enquanto, permanecendo nos laços da carne, "viajamos longe do Senhor."

Pode-se achar surpreendente que, ao dirigir-se aos contemplativos, o santo lhes fale tão pouco de oração. Existem apenas quatro sermões que tratam exclusivamente deste assunto fundamental. Mas não se deve esquecer que muitas vezes ele trata desta questão em suas *Conferências Espirituais* e que, além disso, o *Tratado do Amor de*

*Deus* dá uma direção a este santo exercício que é tão completo quanto profundo.

Os sermões que compõem este volume e os seguintes foram conservados quase inteiramente pelas duas religiosas a quem já devemos as *Conferências* : as Irmãs Claude-Agnès Joly de La Roche e Marie-Marguerite Michel. Felizmente, ambos foram dotados de uma memória excepcional; reproduziram com notável fidelidade os ensinamentos de seu bendito Pai. No entanto, cada uma deixou em sua versão um toque pessoal tão único que é fácil distinguir qual deve ser atribuído a quem. O estilo da irmã Claude-Agnès é fluido e rápido; esta alma seleta está facilmente à vontade entre os assuntos mais sublimes e apresenta claramente temas e argumentações teológicas que às vezes são um pouco difíceis. Ela sabe, no momento certo, deixar de lado detalhes de interesse secundário para colocar em relevo as linhas principais do sermão.

A versão da Irmã Marie-Marguerite apresenta um caráter totalmente diferente. Aplicações práticas e anedotas caseiras são reproduzidas com mais fidelidade. Mas, em contraste, sua pena se perde facilmente com assuntos que são um tanto abstratos. Suas frases pesadas e prolixas carecem de clareza e precisão e nem sempre são irrepreensivelmente corretas.

A verificação dessa diferença de estilo tem sido de grande ajuda para os editores na determinação da data provável de certo número desses sermões. Seguindo o estilo da redação, eles são divididos em dois agrupamentos característicos: Os que vêm da Irmã Claude-Agnès de La Roche datam dos primeiros anos do Instituto até sua partida para Orleans (de dezembro de 1613 a julho de 1620) ; as que Irmã Marie-Marguerite Michel preservou para nós datam de agosto de 1620 a abril de 1622. É surpreendente que nada tenha chegado até nós das instruções que o santo fundador provavelmente dirigiu às suas filhas em Annecy durante o verão e o outono de 1622, último ano que passou na terra. E esta não é a única falta que devemos admitir. Por mais rica que seja nossa coleção, é certo que grande parte dos sermões de São Francisco de Sales não foi coletada, fato comprovado por documentos

contemporâneos. Se as boas intenções nunca faltavam, muitas vezes o tempo livre para gravar os sermões era, e os religiosos tinham que se contentar em preservar tais ensinamentos em seu coração.

Além dos sermões pregados em Annecy, possuímos vários que foram proferidos pelo santo fundador em diversos mosteiros da Visitação: um em Bourges, cinco em Lyon, um em Belley. O tom é menos familiar do que nos outros. Sente-se que o pregador está menos à vontade ao dirigir-se a uma audiência onde é pouco conhecido; mas, a julgar pelo alcance da coleção, esse público não estava menos atento do que o de Annecy.

### *Valor dos Sermões*

Os sermões coletados são a continuação e desenvolvimento das *Conferências Espirituais*; o mesmo vigor está presente neles e o mesmo espírito os inspira. Como sempre, o santo bispo aqui direciona as consequências de volta ao seu princípio. Se ele recomenda seriamente a prática das virtudes, ele insiste mais na causa geradora que as produz. Seu grande desejo é realizar o verdadeiro fundamento e enraizamento da alma na caridade, para que a partir daí possa, como que sem esforço, elevar-se a todas as devoções e sacrifícios. Mas esta caridade, como nos mostra este Doutor da Igreja na sua fornalha radiante, nada mais é do que o adorável Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo. Parece que São Francisco de Sales está sempre tentando dirigir a atenção de seus ouvintes e fazer convergir todo o seu afeto para este centro único de toda santidade.

Já o dissemos em outro lugar, mas não se deve deixar de mencionar novamente aqui que a glória deste santo fundador é ter sido um dos profetas da devoção ao Sagrado Coração. Ele preparou o caminho para esta devoção benéfica que deve ser a alegria e a esperança da Igreja nestes tempos. Como se pressentisse a gloriosa missão destinada ao seu Instituto, preparou-a de longe para ser digna dela. [Dom Mackey faz alusão ao papel que a freira Visitandina, Santa Margarida Maria, desempenhou na devoção ao Sagrado Coração.] em

termos tão explícitos quanto tocantes. Assim o ouviremos assegurar-nos que o Salvador "deseja dar-nos" uma abundância "de graças e bênçãos" e "até" Seu Coração; que seu divino "lado foi aberto" para que se pudessem ver os pensamentos de Seu Coração que são pensamentos "de puro e terno amor"; e que "se tocarmos Seu Coração, o encontraremos completamente inflamado e ardendo com um amor incomparável por nós".

Embora passagens semelhantes possam ser citadas aqui, é melhor permitir ao leitor o prazer de percebê-las ele mesmo. Seguramente o leitor fará sua esta conclusão prática que será o mais belo fruto da devoção ao Sagrado Coração: É preciso "não ter outro coração que o de Deus, nenhum outro espírito que o dele, nenhuma outra vontade outras afeições que não as Dele, nem quaisquer outros desejos que não os Dele – em suma, devemos ser completamente Dele".

—Dom B. Mackey, OSB

## O OBJETIVO DA ORAÇÃO

*Sermão para o terceiro domingo da Quaresma, proferido em 22 de março de 1615, sobre a utilidade e necessidade da oração, as operações do entendimento, meditação, petições, contemplação e o objetivo da oração .*

São Bernardo – cuja memória é cara para quem tem que falar sobre a oração – por escrito a um bispo, aconselhou-o que tudo o que lhe era necessário era falar bem (quer dizer instruir, discursar); então fazer bem em dar bom exemplo; e, finalmente, dedicar-se à oração. E nós, dirigindo isso a todos os cristãos, nos deteremos no terceiro ponto, que é a oração.

Em primeiro lugar, observemos de passagem que, embora condenemos certos hereges de nosso tempo que sustentam que a oração é inútil, não sustentamos com outros hereges que ela é suficiente para nossa justificação. Dizemos simplesmente que é tão útil e necessário que sem ela não poderíamos chegar a nenhum bem, visto que por meio da oração nos é mostrado como realizar bem todas as nossas ações.

Aceitei, portanto, o desejo que me impele a falar da oração, embora não seja minha intenção explicá-la em todos os aspectos, porque a aprendemos mais por experiência do que por ensino. Além disso, pouco importa saber o tipo de oração. Na verdade, eu preferiria que você nunca perguntasse o nome ou o tipo de oração que você está experimentando porque, como diz Santo Antônio, aquela oração é imperfeita quando se está ciente de que está rezando. Além disso, a oração que se faz sem saber como está fazendo e sem refletir sobre o

que está pedindo mostra claramente que essa alma está muito ocupada com Deus e que, conseqüentemente, essa oração é excelente.

Trataremos, então, nos quatro domingos seguintes, da causa final da oração; de sua causa eficiente; daquilo que propriamente não deve ser chamado de "causa material", mas sim de "objeto" da oração; e da causa efetiva da própria oração. Por enquanto, falarei apenas de sua causa final. Mas antes de entrar no assunto da oração, devo dizer três ou quatro pequenas coisas que é bom saber.

Quatro operações pertencem ao nosso entendimento: pensamento simples, estudo, meditação e contemplação. O pensamento simples ocorre quando corremos sobre um grande número de coisas, sem nenhum objetivo, como as moscas que pousam sobre as flores, não procurando extrair nenhum suco delas, mas descansando ali apenas porque acontecem sobre elas. Assim é com o nosso entendimento, passando de um pensamento para outro. Mesmo que esses pensamentos sejam de Deus, se não tiverem objetivo, longe de serem proveitosos, são inúteis e prejudiciais e são um grande obstáculo à oração.

Outra operação de nosso entendimento é o estudo, e isso ocorre quando consideramos as coisas apenas para conhecê-las, compreendê-las completamente ou poder falar delas corretamente, sem ter outro objeto senão encher nossa memória. Nisso assemelhamo-nos a besouros que pousam nas rosas com o único propósito de encher seus estômagos e saciar-se. Agora, dessas duas operações de nosso entendimento não falaremos mais, porque elas não são para o nosso propósito.

Vamos à meditação. Para saber o que é meditação, é preciso entender as palavras do rei Ezequias quando lhe foi pronunciada a sentença de morte, que depois foi revogada por causa de seu arrependimento. "Eu solto gritos estridentes", disse ele, "como uma andorinha", e "gemo como uma pomba". <sup>1</sup>no auge da minha tristeza. [Cf. é . 38:14]. Ele quis dizer: Quando a andorinha está sozinha e sua mãe sai em busca da erva chamada "celandine" para ajudá-la a recuperar a visão, ela chora, ela pisca, pois não sente sua mãe perto e

porque não vê nada. Então eu, tendo perdido minha mãe, o que é graça, e não vendo ninguém vir em meu auxílio, "eu solto gritos estridentes". Mas ele acrescenta: "Eu gemo como uma pomba". Devemos saber que todos os pássaros estão acostumados a abrir o bico quando cantam ou gorjeiam, exceto a pomba, que emite sua musiquinha ou arrulho enquanto prende a respiração – e é através do movimento para cima e para baixo que ela faz, sem deixar escapar, que ela produz sua canção. Da mesma forma, a meditação se faz quando fixamos nosso entendimento em um mistério do qual pretendemos extrair bons afetos, pois se não tivéssemos essa intenção não seria mais meditação, mas estudo. A meditação é feita, então, para mover os afetos, e particularmente o do amor. Com efeito, a meditação é a mãe do amor de Deus e a contemplação é a filha do amor de Deus.

Mas entre a meditação e a contemplação há a petição que se faz quando, depois de ter considerado a bondade de Nosso Senhor, seu amor infinito, sua onipotência, nos tornamos confiantes o suficiente para pedir e suplicar que nos dê o que desejamos. Agora, existem três tipos de petição, cada uma das quais é feita de maneira diferente: a primeira é feita pela justiça, a segunda é feita pela autoridade e a terceira é feita pela graça.

A petição que é feita pela justiça não pode ser chamada de "oração", embora usemos esta palavra, porque em uma petição de justiça pedimos algo que nos é devido. Uma petição feita por autoridade também não deve ser chamada de "oração"; pois assim que alguém que tem grande autoridade sobre nós - como um pai, um senhor ou um mestre - usa a palavra "por favor", <sup>2</sup>—dizemos imediatamente a ele: "Você pode comandar", ou "Seu 'por favor' serve como meu comando". Mas a verdadeira oração é aquela que é feita pela graça, ou seja, quando pedimos algo que não nos é devido, e quando o pedimos a alguém que é muito superior a nós, como Deus.

A quarta operação do nosso entendimento é a contemplação, que nada mais é do que deleitar-se com a bondade dAquele que aprendemos a conhecer na meditação e a quem aprendemos a amar

por meio desse conhecimento. Este deleite será nossa felicidade no céu acima.

Devemos agora falar da causa final [isto é, o objetivo] da oração. Devemos saber em primeiro lugar que todas as coisas foram criadas para a oração, e que quando Deus criou os anjos e os homens, Ele o fez para que eles pudessem louvá-lo eternamente no céu acima, mesmo que esta seja a última coisa que faremos - se isso pode ser chamado de "último", que é eterno. Para entender melhor, diremos o seguinte: quando desejamos fazer algo, sempre olhamos primeiro para o fim [ou propósito], e não para o trabalho em si. Por exemplo, se formos construir uma igreja e nos perguntarem por que a estamos construindo, responderemos que é para que possamos nos aposentar lá e cantar louvores a Deus; no entanto, esta será a última coisa que faremos. Outro exemplo: se você entrar no apartamento de um príncipe, verá ali um aviário de vários passarinhos que estão em uma gaiola de cores vivas e altamente enfeitadas. E se você quer saber o fim para o qual eles foram colocados ali, é dar prazer ao seu mestre. Se você olhar para outro lugar, verá gaviões, falcões e outras aves de rapina que foram encapuzadas; estes últimos servem para apanhar a perdiz e outras aves para alimentar delicadamente o príncipe. Mas Deus, que de modo algum é carnívoro, não guarda aves de rapina, mas apenas os passarinhos que estão encerrados no aviário e destinados a agradá-lo. Estes passarinhos representam monges e monjas que voluntariamente se encerraram em mosteiros para que possam cantar louvores ao seu Deus. Portanto, seu principal exercício deve ser a oração e a obediência à palavra que Nosso Senhor dá no Evangelho: "Orai sempre". [Lc . 18:1].

Os primeiros cristãos que foram treinados por São Marcos Evangelista eram tão assíduos na oração que muitos dos antigos Padres os chamavam de "suplicantes", e outros os chamavam de "médicos", porque por meio da oração encontravam o remédio para todos os seus problemas. males. Eles também os chamavam de "monges", porque eram tão unidos; na verdade, o nome "monge" significa "solteiro". Os filósofos pagãos diziam que o homem é uma árvore desarraigada, de onde podemos concluir como a oração é necessária para o homem, pois

se uma árvore não tem terra suficiente para cobrir suas raízes, não pode viver; nem pode viver um homem que não dê atenção especial às coisas celestiais. Ora, a oração, segundo a maioria dos Padres, nada mais é do que uma elevação da mente às coisas celestiais; outros dizem que é uma petição; mas as duas opiniões não se opõem, pois enquanto elevamos nossa mente a Deus, podemos pedir-Lhe o que parece necessário.

A principal petição que devemos fazer a Deus é a união de nossas vontades com a Dele, e a causa final da oração está em desejar somente a Deus. Assim, toda a perfeição está contida nisso, como disse o irmão Giles, companheiro de São Francisco [de Assis], quando certa pessoa lhe perguntou o que ele poderia fazer para ser perfeito muito em breve. "Dê", ele respondeu, "um para um". Ou seja, você tem apenas uma alma, e há apenas um Deus; dê sua alma a Ele e Ele se dará a você. A causa última da oração, portanto, não deve ser desejar aquelas ternuras e consolações que Nosso Senhor às vezes dá, pois a união não consiste nisso, mas em conformar-se à vontade de Deus.

## NOTAS

- [1.](#) O francês antigo para "eu gemo" é "mediteria", que São Francisco de Sales está usando como um trocadilho para "meditar".
- [2.](#) Francisco de Sales está aproveitando o fato de que na língua francesa "por favor", "rezar" e "orar" estão relacionados.

## O ESPÍRITO DE ORAÇÃO

*Sermão para o quarto domingo da Quaresma, proferido em 29 de março de 1615, sobre quem pode rezar e as três condições para rezar bem .*

Temos agora que falar da causa eficiente da oração. É necessário que saibamos, então, quem pode e quem deve orar. A questão logo seria decidida se disséssemos que todos podem orar e que todos devem fazê-lo. Mas, para melhor satisfazer a mente, trataremos desse assunto mais detalhadamente.

Em primeiro lugar, devemos perceber que Deus não pode orar de forma alguma, pois a oração é uma petição que se faz pela graça e exige que saibamos que precisamos de algo, pois não estamos acostumados a pedir o que já possuímos. . Bem, Deus não pode pedir nada pela graça, mas Ele faz tudo pela autoridade divina. Além disso, Ele não pode precisar de nada, pois possui tudo. Portanto, é certo que Deus não pode nem deve orar. Tanto para o que diz respeito a Deus.

Muitos dos antigos Padres, e também São Gregório Nazianzeno, ensinam que Nosso Senhor Jesus Cristo não pode mais rezar (como, sendo Deus, é bastante evidente, pois Ele é um mesmo Deus com Seu Pai; já falamos disso ). Eles baseiam sua opinião no que este Divino Salvador diz aos Seus discípulos: Eu vou para Meu Pai, mas não digo que vou orar [Cf. *Jn* . 16:16,26]; e acrescentam: Se Ele não diz que vai orar, por que deveríamos dizer? O resto dos Padres sustentam que Nosso Senhor reza, porque Seu amado Apóstolo escreveu, falando de seu Mestre, que temos um intercessor na presença do Pai. [Cf. *1 Jo* . 2:1].

No entanto, eles não se contradizem por suas opiniões diferentes, embora possa parecer assim. Pois é certo que Nosso Senhor Jesus Cristo não *tem* que rezar, mas pode *por justiça* pedir a Seu Pai o que Ele quiser. Vemos, também, que os defensores não costumam pedir favores, mas pedem de acordo com a justiça, os direitos que defendem. De fato, é com base segura que o Salvador pede, pois Ele mostra Suas feridas ao Pai quando deseja obter algo. No entanto, é uma verdade certíssima que, embora Nosso Senhor peça com justiça o que Ele quer, Ele não deixa, como homem, de se humilhar diante de Seu Pai, falando-Lhe com profunda reverência e fazendo atos de humildade mais profundos do que sempre alguma criatura soube ou poderia fazer; nesse sentido, Sua petição pode ser chamada de "oração".

Encontramos em algumas passagens das Escrituras que o Espírito Santo pediu e orou. [Cf. *Rom . 8:26-27*]. A partir disso, não se deve entender que Ele está realmente orando, pois sendo igual ao Pai e ao Filho, Ele não pode orar; mas significa que Ele inspirou o homem a fazer tal oração.

Os anjos rezam, e isso nos foi mostrado em várias passagens da Sagrada Escritura. [Cf. *Tob . 12; Rev. \_ 8:3-4*]. Mas para as pessoas que estão no Céu não temos tanto testemunho, porque antes de Nosso Senhor morrer, ressuscitar e subir ao Céu não havia pessoas no Paraíso; estavam todos no seio de Abraão. No entanto, é bastante evidente que os santos e as pessoas que estão no Paraíso rezam, pois estão com os anjos que rezam.

Vamos ver agora se todas as pessoas podem orar. Eu digo que sim, e que ninguém pode se desculpar de fazê-lo, nem mesmo os hereges. Além disso, havia uma vez um pagão [Cf. *Atos 10:4, 30-31*] que fez uma oração tão excelente que merecia ser apresentada diante do trono da Divina Majestade; e Deus lhe concedeu a graça dos meios de ser instruído na Fé, e depois foi um grande santo entre os cristãos.

É verdade que os grandes pecadores experimentam grande dificuldade em orar. Assemelham-se a pássaros muito jovens que, assim que têm suas penas, são capazes de voar sozinhos por meio de suas asas; mas se por acaso pousarem na cal dos pássaros que foi preparada

para pegá-los, quem não vê que essa substância pegajosa se adere às suas asas, de modo que depois eles não podem voar? Assim acontece com os pecadores - que se enredam e se acomodam na substância pegajosa do vício, e se permitem ficar presos ao pecado, de modo que não podem subir ao céu pela oração. No entanto, enquanto eles são capazes de graça, eles também são capazes de orar. Só o diabo é incapaz de orar, porque só ele é incapaz de amar.

Resta-nos afirmar as condições necessárias para rezar bem. Eu sei, de fato, que os antigos que tratam deste assunto citam muitas dessas condições; alguns contam 15, outros oito. Mas como esse número é tão grande, limito-me a citar apenas três. A primeira é que se seja pouco pela humildade; a segunda, que seja grande na esperança; e a terceira, que seja enxertada em Jesus Cristo crucificado.

Falemos da primeira, que nada mais é do que aquela mendicância espiritual da qual Nosso Senhor diz: Bem-aventurados os mendigos de espírito, porque deles é o Reino dos Céus. [Cf. *Monte* \_ 5:3]. E embora alguns dos Doutores interpretem estas palavras assim: Como são felizes os pobres de espírito, essas duas interpretações não se opõem, porque todos os pobres são mendigos se não são orgulhosos, e todos os mendicantes são pobres se não são avaro. Para orar bem, então, devemos reconhecer que somos pobres e devemos nos humilhar muito; pois você não vê como um atirador com uma besta, quando ele deseja disparar uma grande flecha, puxa a corda de seu arco para baixo quanto mais alto ele quer que ela vá? Assim devemos fazer quando desejamos que nossa oração chegue ao Céu; devemos nos rebaixar pela consciência de nosso nada. Davi nos adverte a fazê-lo com estas palavras: Quando você quiser orar, mergulhe profundamente no abismo do seu nada para que você possa depois, sem dificuldade, deixar sua oração voar como uma flecha até o céu. [Cf. *Ps* . 130:1-2; *Senhor* . 35:21].

Não vedes que os nobres que desejam fazer subir a água até ao topo dos seus castelos vão à nascente desta água em algum lugar muito elevado e depois a transportam por canos, obrigando-a a descer a distância que desejam? subir? Caso contrário, a água nunca subiria. E se você perguntar a eles como eles o fizeram subir, eles responderão

que ele sobe através dessa descida. É o mesmo com a oração; pois se você perguntar como é que a oração pode subir ao céu, você será informado de que ela sobe lá através da descida da humildade. A esposa no Cântico dos Cânticos <sup>1</sup>espanta os anjos e os faz dizer: Quem é esta que vem do deserto, e que se levanta como uma coluna de fumaça, carregada de mirra e incenso e de todo perfume conhecido, e que está apoiada em seu Amante? [Cf. *Cântico* 3:6; 8:5]. A humildade no início é um deserto, embora no final possa ser muito frutífera, e a alma humilde pensa estar em um deserto onde nem pássaros nem animais selvagens habitam, e onde não há árvore frutífera.

Passemos agora à esperança, que é a segunda condição necessária para rezar bem. A esposa que vem do deserto ergue-se como um rebento ou uma coluna de fumaça, carregada de mirra. Isso representa esperança, pois embora a mirra exale um odor agradável, ainda assim é amargo ao paladar. Da mesma forma, a esperança é agradável, pois promete que um dia possuiremos o que desejamos, mas é amarga porque agora não estamos desfrutando do que amamos. O incenso é muito mais apropriado como símbolo de esperança, porque, ao ser colocado no fogo, sempre lança sua fumaça para cima; da mesma forma, é necessário que a esperança seja colocada sobre a caridade, caso contrário não seria mais esperança, mas presunção. A esperança, como uma flecha, dispara até a porta do céu, mas não pode entrar lá porque é uma virtude totalmente da terra. Se queremos que nossa oração penetre no céu, devemos afiar a flecha com a pedra de amolar do amor.

Passemos à terceira condição necessária. Os anjos dizem que a esposa está apoiada em seu Amante; vimos que para a última condição é necessário ser enxertado em Jesus Cristo crucificado. O Esposo [Divino] elogiou Sua esposa, dizendo que ela era como um lírio entre os espinhos. Ela, por sua vez, lhe respondeu: Meu Amante é como uma macieira entre as árvores da floresta; esta árvore está completamente carregada de folhas, flores e frutos; Vou descansar à sua sombra e receber o fruto que cai no meu colo e comê-lo, e depois de mastigá-lo, vou saboreá-lo na minha boca, onde o acharei doce e agradável. [Cf. *Cântico* 2:2-3]. Mas onde esta árvore está plantada? Em que floresta

vamos encontrá-lo? Sem dúvida, está plantada no Monte Calvário, e devemos nos manter à sua sombra. Mas quais são suas folhas? Eles nada mais são do que a esperança que temos de nossa salvação por meio da morte do Salvador. E suas flores? São as orações que Ele ofereceu a Seu Pai por nós [Cf. *Heb* . 5:7]; os frutos são os méritos de Sua Paixão e Morte.

Permaneçamos, pois, aos pés desta Cruz, e nunca nos afastemos dela, para que todos sejamos saturados do Sangue que dela brota. Santa Catarina de Sena uma vez teve um êxtase enquanto meditava na Paixão e Morte de Nosso Senhor. Pareceu-lhe que estava em um banho de Seu Precioso Sangue, e quando voltou a si viu seu vestido todo vermelho com este Sangue, mas outros não o viram. Nós, também, nunca devemos ir à oração sem sermos igualmente banhados; pelo menos é necessário sermos assim banhados pela manhã em nossa primeira oração. São Paulo, escrevendo a seus queridos filhos [Cf. *Rom* . 13:14], disse-lhes que se revestissem de Nosso Senhor, isto é, de Seu Sangue.

Mas o que é estar vestido com este Sangue? Você não sabe que dizemos: Há um homem vestido de escarlata; e escarlata é um peixe. Essa vestimenta é feita de lã, mas é tingida com o sangue do peixe. [Cf. *Oeuvres* , vol. VIII, pág. 144]. Da mesma forma, ainda que estejamos vestidos de lã, pelo que se entende que fazemos boas obras, essas boas obras - embora de nós - não têm valor nem valor se não forem tingidas no Sangue de nosso Mestre, cujos méritos torná-los agradáveis à Divina Majestade.

Quando Jacob desejou obter a bênção de seu pai Isaac, sua mãe o fez preparar um cabrito com molho de veado porque Isaac gostou. [Cf. *Ger* . 27: 9-29]. Ela também o fez usar as peles do cabrito nas mãos, porque Esaú, o filho mais velho a quem a bênção pertencia por direito, era todo peludo. Ela até fez Jacob usar a roupa perfumada destinada ao filho mais velho da casa. Ela o conduziu assim ao marido, que era cego. Quando Jacó pediu a bênção, Isaque apalpou suas mãos e gritou em voz alta: Ah, mas estou com tanta dor! A voz que ouço é a de meu filho Jacó, mas as mãos que sinto são as de Esaú. E, sentindo o cheiro da roupa perfumada, disse: O bom perfume que provei me deu tanto prazer que

dou minha bênção ao meu filho. Assim também nós, tendo preparado este Cordeiro imaculado [Cf. *1 animal de estimação* . 1:19] e apresentando-o ao Pai Eterno para satisfazer seu gosto, quando pedirmos sua bênção, ele dirá, se estivermos revestidos do sangue de Jesus Cristo: A voz que ouço é de Jacó, mas as mãos ( que são nossas más ações) são as de Esaú; no entanto, por causa do prazer com que saboreio a fragrância de suas vestes, dou-lhe a minha bênção. Um homem.

## NOTAS

1. O livro da Bíblia conhecido como "Cântico dos Cânticos" (também chamado de "Cântico dos Cânticos" ou "Cântico de Salomão") descreve em linguagem simbólica a união feliz entre Cristo e Sua esposa. O Esposo Divino (o Amante, ou Noivo) é Cristo; A esposa de Cristo (a noiva) é a Igreja, e mais particularmente a parte mais feliz da Igreja, isto é, almas perfeitas, cada uma das quais é Sua amada; mas acima de todas as outras, a esposa é a Imaculada Virgem Maria.

## OS TIPOS DE ORAÇÃO

*Sermão do Domingo da Paixão, proferido em 5 de abril de 1615, sobre as orações dos pecadores, o que pedir a Deus, oração vital, oração vocal, orações obrigatórias e não obrigatórias e o Ofício Divino .*

Mostramos que o fim da oração é nossa união com Deus, e que todos os que estão no caminho da salvação podem e devem orar. Mas permaneceu para nós uma dificuldade em nossa última exortação, a saber, se os pecadores podem ser ouvidos. Pois não vedes que o cego de nascença mencionado no Evangelho [Cf. *Jn* . 9:31], e cuja visão Nosso Senhor restaurou, disse àqueles que o questionaram que Deus não ouve os pecadores? Mas deixe-o dizer, pois ele ainda estava falando como um cego.

Devemos perceber que existem três tipos de pecadores: pecadores impenitentes, pecadores penitentes e pecadores justificados. Agora, é um fato seguro que os pecadores impenitentes não são ouvidos, visto que desejam chafurdar em seus pecados; além disso, suas orações são uma abominação diante de Deus. Ele mesmo deixou isso claro para aqueles que lhe disseram: Por que jejuamos e nos afligimos e você não faz caso disso? [Cf. *é* . 58:3]. Respondendo-lhes, Deus disse: Seus jejuns, suas mortificações e suas festas são uma abominação para mim, pois no meio de todas essas coisas suas mãos estão manchadas de sangue. [Cf. *é* . 58:3-5; 1:13-15; 59:3]. A oração de tais pecadores não pode ser boa, porque "ninguém pode dizer: 'Jesus é o Senhor', a não ser no Espírito Santo" [1 *Cor* . 12:3], e ninguém pode chamar Deus de "Pai" a menos que tenha sido adotado como Seu filho. [Cf. *Rom* . 8:15; *Gal* . 4:5-6]. O

pecador que deseja permanecer em seu pecado é incapaz de pronunciar o nome soberano de Nosso Senhor porque não tem consigo o Espírito Santo, pois o Espírito Santo não habita em um coração manchado de pecado. [Cf. *Wis* . 1:4-5]. Além disso, não sabeis que ninguém vem ao Pai senão em virtude do nome de Seu Filho, visto que Ele mesmo disse que tudo o que pedirmos a Seu Pai em Seu Nome obteremos? [Cf. *Jn* . 14:6, 13; 16:23]. As orações do pecador impenitente, então, não são agradáveis a Deus.

Vamos ao pecador penitente. Sem dúvida, estamos errados em chamá-lo de pecador, pois ele não o é mais, pois já detesta seu pecado. E se, de fato, o Espírito Santo ainda não está em seu coração por residência, Ele está lá, no entanto, por assistência. Pois quem você acha que lhe dá esse arrependimento por ter ofendido a Deus, senão o Espírito Santo, já que não saberíamos ter um bom pensamento para nossa salvação se Ele não a desse a nós? [Cf. *2Cor* . 3:5]. Mas este pobre homem não fez nada de sua parte? Sim, certamente ele tem. Ouça as palavras de Davi: Senhor, você olhou para mim quando eu estava no atoleiro do meu pecado. Você abriu meu coração e eu não o fechei. Você me atraiu e eu não deixei ir. Você me instigou e eu não voltei atrás. [Cf. *Ps* . 102:18, 20-21; 103:3-4 e *É* . 50:5]. Temos muitas provas de que as orações dos pecadores penitentes são agradáveis à Divina Majestade. Mas contentar-me-ei em citar o exemplo do publicano que subiu pecador ao Templo e dele desceu justificado, graças à humilde oração que fizera. [Cf. *Lk* . 18:10-14].

Passemos agora ao "assunto" da oração. Não direi nada sobre seu fim, pois falarei disso no próximo domingo. A questão da oração é pedir a Deus tudo o que é bom. Mas devemos entender que existem dois tipos de bens, bens espirituais e bens temporais ou corporais. No Cântico dos Cânticos, o esposo elogiou o seu Bem-Amado, dizendo que os seus lábios eram lírios que pingam mirra escolhida [Cf. *Cântico* 5:13], ao que seu Esposo [Divino] respondeu que ela tinha mel e leite debaixo da língua. [Cf. *Cântico* 4:11].

De fato, sei que essas palavras são interpretadas nesse sentido, a saber, que ao pregar ao povo, os pregadores têm mel debaixo da língua

e, ao falar com Deus em oração em favor do povo, têm leite debaixo da língua. Segundo uma segunda interpretação, os pregadores têm leite debaixo da língua quando pregam sobre as virtudes de Nosso Senhor como Homem: Sua mansidão, suavidade e misericórdia; e eles têm mel debaixo da língua quando falam de Sua Divindade. Há muitos que se enganam ao pensar que o mel é feito apenas do suco das flores. O mel é um licor que cai do céu em meio ao orvalho. Ao cair sobre as flores, toma seu sabor, assim como todos os licores que são colocados em vasos que contêm qualquer tipo de sabor. O mel representa assim as perfeições divinas, que são inteiramente celestiais.

Apliquemos estas palavras do Esposo [Divino] à nossa oração. Dissemos que há dois tipos de bens que podemos pedir na oração: os bens espirituais e os bens corporais. Existem dois tipos de bens espirituais. Um tipo é necessário para nossa salvação; estes devemos pedir a Deus simplesmente e sem condição, pois Ele quer dá-los a nós. A outra espécie, embora espiritual, devemos pedir nas mesmas condições que os bens corporais, isto é, se for da vontade de Deus e se for para Sua maior glória; com estas condições, podemos pedir qualquer coisa.

Ora, os bens espirituais necessários à nossa salvação, representados pelo mel que o esposo tem debaixo da língua, são a fé, a esperança e a caridade, bem como as demais virtudes que a elas conduzem. Os outros bens espirituais são êxtases, arrebatamentos, confortos e consolações espirituais, nenhum dos quais devemos pedir a Deus, exceto condicionalmente, porque eles não são necessários para nossa salvação.

Há quem pense que se fosse dotado de sabedoria seria muito mais capaz de amar a Deus, mas simplesmente não é assim. Você deve se lembrar, de fato, que o irmão Giles uma vez foi a São Boaventura e lhe disse: Oh, como você está feliz, meu pai, por ser tão instruído, pois você pode amar a Deus muito mais do que nós, que somos ignorantes. Então São Boaventura lhe disse que o conhecimento não o ajudava em nada a amar a Deus, e que uma mulher simples era capaz de amá-lo tanto quanto o homem mais culto do mundo.

Mas quem não vê a ilusão daqueles que estão sempre atrás de seu Pai espiritual para reclamar que não experimentam nenhum desses sentimentos e consolações em suas orações? Não vêes que, se os tivesses, não poderias escapar à vanglória, nem poderias impedir o teu amor-próprio de se agradar por causa deles, para acabares por divertir-te mais com os presentes? do que com o Doador? Assim, é uma grande misericórdia para você que Deus não os dê a você. E você não deve perder a coragem por isso, pois a perfeição não consiste em ter essas consolações e afetos espirituais, mas em ter nossa vontade unida à de Deus. É isso que podemos e devemos pedir incondicionalmente à Divina Majestade.

Tobit, já velho e querendo pôr em ordem os seus negócios, mandou o filho ir a Rages buscar uma quantia em dinheiro que lhe era devida. Para o efeito, deu-lhe um documento assinado com o qual o dinheiro não lhe podia ser recusado. [Cf. *Tob* . 4:21-22; 5:3-4]. Devemos fazer o mesmo quando desejamos pedir ao Pai Eterno Seu Paraíso, ou um aumento de nossa fé, ou de Seu amor - tudo o que Ele deseja nos conceder, desde que tragamos o documento assinado de Seu Filho, ou seja, contanto que sempre peçamos em nome e pelos méritos de Nosso Senhor.

Este bom Mestre nos mostrou muito claramente a ordem que devemos seguir em nossas petições, ordenando-nos orar ao Pai: "Santificado seja o Teu Nome, venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade". Devemos, portanto, pedir primeiro que Seu Nome seja santificado, isto é, que Ele seja reconhecido e adorado por todos; depois do que pedimos o que é mais necessário para nós, a saber, que Seu Reino venha para nós, para que sejamos habitantes do Céu; e então, que Sua vontade seja feita. E depois desses três pedidos acrescentamos: "O pão nosso de cada dia nos dai hoje". Jesus Cristo nos faz dizer: "O pão nosso de cada dia dá-nos", porque nesta palavra "pão" estão incluídos todos os bens temporais.

Devemos ser muito moderados em pedir esses bens aqui embaixo e devemos temer muito em pedi-los, porque não sabemos se Nosso Senhor os dará a nós em Sua ira. É por isso que aqueles que rezam com

perfeição pedem pouquíssimos desses bens, permanecendo diante de Deus como filhos diante de seu pai, depositando nEle toda a sua confiança, ou melhor, como um criado que serve bem ao seu senhor, pois não vai todos os dias e pedir sua comida, sabendo que seus serviços a reivindicam bem o suficiente para ele. Tanto para a "questão" da oração.

Os antigos Padres observam que existem três tipos de oração, a saber, oração vital, oração mental e oração vocal. Não falaremos agora de oração mental, mas apenas de oração vital e oração vocal. Cada ação daqueles que vivem no temor de Deus é uma oração contínua, e isso é chamado de "oração vital". Diz-se que São João [Batista], enquanto no deserto, vivia de gafanhotos [Cf. *Matt* . 3:4] ou gafanhotos e cigarras, que não comeu uvas, nem bebeu cerveja ou qualquer coisa que pudesse intoxicar. [Cf. *Lk* . 1:15]. Não me deterei em tudo isso, mas apenas no fato de que ele não comeu nada além de gafanhotos ou gafanhotos.

Ninguém sabe se os gafanhotos são do céu ou da terra, pois eles disparam continuamente para o céu, mas às vezes também caem na terra. Eles são nutridos pelo orvalho que cai do céu e estão sempre cantando, e o que se ouve não é outra coisa que uma reverberação ou gorjeio que se faz em seus seios. Com razão o bem-aventurado São João se alimentou de gafanhotos, pois ele próprio era um gafanhoto místico. Ninguém sabe se ele era do céu ou da terra, pois, embora às vezes tocasse a terra para atender às suas necessidades, ele se levantou de repente e disparou para o céu, alimentado mais pelas carnes celestiais do que terrenas. Você não vê sua grande abstinência? Ele comia apenas gafanhotos e bebia apenas água, e mesmo assim apenas moderadamente. Ele também cantava louvores a Deus quase continuamente, pois ele mesmo era uma voz. [Cf. *Jn* . 1:23]. Em suma, sua vida foi uma oração contínua. Da mesma forma, podemos dizer que aqueles que dão esmolas, que visitam os doentes e que praticam todas essas boas obras, estão orando, e essas mesmas boas ações clamam a Deus por uma recompensa.

Passemos agora à oração vocal. Murmurar algo com os lábios não é rezar se o coração não está unido a ele. Para falar, é preciso primeiro

ter concebido interiormente o que queremos dizer. Há primeiro a palavra interior e depois a palavra falada, que faz compreender o que o interior primeiro pronunciou. A oração nada mais é do que falar com Deus. Ora, é certo que falar com Deus sem estar atento a Ele e ao que lhe dizemos é algo que lhe desagrada mais.

Uma pessoa santa relata que um papagaio ou papagaio foi ensinado a recitar a *Ave Maria*. Este pássaro uma vez voou, e um gavião saltou sobre ele; mas quando o papagaio começou a repetir a *ave-maria*, o gavião o largou. Não é que Nosso Senhor tenha escutado a oração do papagaio; não, pois é uma ave impura [Cf. *Lev*. 11:19], que era, portanto, impróprio para ser oferecido em sacrifício. No entanto, Ele permitiu isso para mostrar o quão agradável esta oração é para Ele. As orações de quem reza como este papagaio são repugnantes a Deus, pois Ele prova mais o coração de quem reza do que as palavras que pronuncia. [Cf. *é*. 1:13 e *Prov*. 24:12].

É necessário que saibamos que a oração vocal é de três tipos: algumas são ordenadas, outras recomendadas e outras ainda são totalmente opcionais. Os que são ordenados são o Pai Nosso e o Credo, que devemos recitar todos os dias, algo que Nosso Senhor deixou bem claro quando disse: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Isso nos mostra que devemos pedir isso todos os dias. E se você me disser que nunca rezou diariamente, eu lhe responderei que você se parece com bestas. A outra oração que é ordenada para nós que somos da Igreja é o Ofício,<sup>1</sup> e se omitirmos qualquer parte considerável dele, pecamos. Os que só são recomendados são os Pais Nossos ou rosários que são prescritos para a obtenção de indulgências. Se deixarmos de dizê-las, não pecamos, mas nossa boa Mãe Igreja, para nos mostrar que quer que as digamos, concede indulgências a quem as recita. Orações opcionais são todas aquelas que dizemos além daquelas que acabamos de falar.

Embora as orações que dizemos voluntariamente possam ser muito boas, as recomendadas são muito melhores porque a santa virtude da obediência entra em jogo ao rezá-las. É como se disséssemos: Você deseja, minha boa Mãe Igreja, que eu faça isso, e

embora você não me ordene, estou muito feliz em fazê-lo para agradá-lo. Já existe um pouco de obediência nisso. Mas as orações que são ordenadas têm um valor totalmente diferente por causa da obediência que lhes é atribuída, e sem dúvida há também mais caridade nelas.

Agora, entre estas, algumas são orações comunitárias e outras são privadas. As orações comunitárias são a Missa, o Ofício e as orações que são recitadas em tempos de calamidade. Ó Deus, com quanta reverência devemos assistir a esses serviços, mas preparados de maneira bem diferente das orações particulares, porque nestes tratamos apenas de nossos próprios assuntos diante de Deus, ou se oramos pela Igreja, o fazemos em caridade. Mas nas orações comunitárias rezamos por todos em geral. Conta Santo Agostinho que certa vez, quando ainda era pagão, entrou numa igreja onde Santo Ambrósio mandava entoar o Ofício alternadamente [por dois coros], como vem sendo feito desde então. Ele estava tão extasiado e extasiado que pensou que estava no Paraíso. Muitas pessoas afirmam que muitas vezes viram trupe após trupe de anjos vindo para ajudar no Ofício Divino. Com que atenção, então, não devemos assistir, visto que os anjos estão presentes e repetem no alto da Igreja triunfante o que estamos dizendo aqui embaixo!

Mas talvez diremos que se tivéssemos visto os anjos em nosso escritório, traríamos mais atenção e reverência a ele. Ah, não, perdoe-me, mas certamente não haveria nada disso. Pois mesmo se tivéssemos sido arrebatados com São Paulo para o terceiro céu [Cf. *2Cor* . 12:2], mesmo que tivéssemos morado 30 anos no Paraíso, se não estivéssemos enraizados na fé, tudo isso não significaria nada. Muitas vezes refleti sobre o fato de que São Pedro, São Tiago e São João, mesmo depois de terem visto Nosso Senhor em sua Transfiguração, não deixaram de abandoná-lo em sua Paixão e Morte.

Nunca devemos ir ao Ofício, especialmente nós que o cantamos, sem fazer um ato de contrição e pedir a ajuda do Espírito Santo antes de iniciá-lo. Oh, como somos felizes por começar aqui embaixo o que faremos eternamente no Céu, onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo nos conduzem. Um homem.

## NOTAS

1. São Francisco de Sales está se referindo à obrigação de todos os sacerdotes e de alguns membros de ordens religiosas de rezar diariamente o Ofício Divino. A Missa e o Ofício Divino constituem a oração oficial da Igreja.

## O CORAÇÃO DA ORAÇÃO

*Sermão do Domingo de Ramos, proferido em 12 de abril de 1615, referente à oração direta e indireta, postura corporal durante a oração, os quatro níveis da alma, meditação, contemplação e ejaculações.*

Ainda tenho que apontar a distinção que existe na oração, seja a oração mental ou vocal. Na oração vamos a Deus de duas maneiras, ambas recomendadas a nós por Nosso Senhor e ordenadas por nossa Santa Mãe a Igreja – ou seja, ora ora diretamente a Deus, ora indiretamente, como quando dizemos o hinos de Nossa Senhora, da *Salve Regina* e outros. Quando rezamos diretamente exercemos a confiança filial que se funda na fé, na esperança e na caridade; quando oramos indiretamente e por intercessão de outro, praticamos a santa humildade que brota do autoconhecimento. Quando vamos diretamente a Deus, proclamamos Sua bondade e misericórdia, nas quais depositamos toda a nossa confiança; mas quando rezamos indiretamente, isto é, quando imploramos a ajuda de Nossa Senhora, dos santos e dos bem-aventurados, é para melhor sermos recebidos pela Divina Majestade, e então proclamamos Sua grandeza e onipotência, e a reverência que lhe devemos.

Gostaria de acrescentar outra palavra às observações que fiz outro dia sobre a reverência exterior que devemos ter quando oramos. Nossa Madre Igreja indica todas as posturas que deseja que assumamos na recitação do Ofício: Às vezes nos fará ficar de pé, às vezes sentados, depois de joelhos; às vezes com a cabeça coberta, às vezes descoberta; mas todas essas posições e posturas nada mais são do que orações.

Todas as cerimônias da Igreja estão cheias de mistérios muito grandes, e as pessoas humildes, simples e devotas encontram o maior consolo em assisti-las. O que você acha que as palmas que carregamos em nossas mãos hoje significam? Nada mais do que pedirmos a Deus que nos torne vitoriosos pelos méritos da vitória que Nosso Senhor nos conquistou no madeiro da cruz.

Quando estamos no Ofício devemos ter o cuidado de observar as posturas prescritas para nós pelas rubricas; mas em nossas orações particulares, que reverência devemos ter? Na oração privada, estamos diante de Deus como na oração pública, embora na oração pública devamos estar particularmente atentos para a edificação do próximo; a reverência exterior é uma grande ajuda para o interior. Temos muitos exemplos que testemunham a grande reverência exterior que devemos ter ao rezar, mesmo que seja uma oração privada. Ouçam São Paulo: Ajoelho-me, diz ele, diante do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo por todos vós. [Cf. *Ef.* 3:14]. E você não vê que o próprio Salvador, enquanto orava a Seu Pai, está prostrado no chão? [Cf. *Monte* \_ 26:39 e *Mc* . 14:35].

Aqui está mais um exemplo. Acho que você sabe que o grande eremita São Paulo viveu muitos anos no deserto. Santo Antônio [do Deserto], tendo ido vê-lo, o encontrou em oração. Depois de falar com ele, Santo Antônio o deixou. Mas, vindo uma segunda vez para visitá-lo, encontrou São Paulo na mesma posição de antes, com a cabeça erguida e os olhos fixos no céu, ajoelhado ereto, com as mãos unidas. Santo Antônio, que já o esperava há muito tempo, começou a se perguntar, porque não o ouviu suspirar como de costume; ele então levantou os olhos e olhou em seu rosto e descobriu que ele estava morto. Parece que o corpo de São Paulo, que tanto rezou durante a vida, continuou a rezar depois de sua morte. Em suma, é necessário que toda a pessoa ore.

David diz que todo o seu rosto rezou [Cf. *Ps.* 27:8], que seus olhos estavam tão atentos em olhar para Deus que falharam [Cf. *Ps.* 69:4 e 88:10; também *é* . 38:14], e que sua boca estava aberta como um passarinho que espera que sua mãe venha enchê-la. Mas, em todo caso,

a postura que oferece a melhor atenção é a mais adequada. Sim, até a postura de deitar é boa, e parece ser uma oração em si. Pois você não vê que o santo homem Jó, deitado em seu monturo, fez uma oração tão excelente que mereceu ser ouvida por Deus? [Cf. *Jó* 42:9-10]. Mas isso é suficiente.

Falemos agora de oração mental; e se lhe agradar, eu lhe mostrarei, através de uma comparação com o Templo de Salomão, como existem quatro níveis na alma. [Cf. São Francisco de Sales: *Tratado sobre o amor de Deus*, Bk. 1, cap. 12]. Naquele templo havia primeiro um pátio reservado para os gentios, para que ninguém pudesse se desculpar do culto divino. Foi porque não havia nação que não pudesse vir louvar naquele lugar que este Templo agradou tanto à Divina Majestade. O segundo tribunal era destinado aos judeus, tanto homens como mulheres, embora mais tarde tenha sido feita uma separação para evitar os escândalos que poderiam surgir em uma assembleia tão mista. Então, subindo mais alto, havia outro lugar para os sacerdotes e, finalmente, havia um pátio destinado aos querubins e seu Mestre, onde repousava a Arca da Aliança e onde Deus manifestava Sua vontade, e este lugar era chamado de *Sancta Sanctorum*. isto é, o Santo dos Santos].

Em nossas almas existe o primeiro nível, que é um certo conhecimento que temos através dos nossos sentidos, pois pelos nossos olhos sabemos que tal objeto é verde, vermelho ou amarelo. Mas depois disso há um grau ou nível que é ainda um pouco mais alto, a saber, um conhecimento que temos por meio da consideração. Por exemplo, um homem que foi maltratado em um determinado lugar considerará o que poderá fazer para não voltar para lá. O terceiro nível é o conhecimento que temos através da fé. O quarto, o *Sancta Sanctorum*, é o ponto mais alto de nossa alma, que chamamos de espírito, e enquanto esse ponto mais alto estiver sempre fixado em Deus, não precisamos nos incomodar nem um pouco.

Todos os navios no mar têm uma agulha de marinheiro, que sempre aponta para a estrela do norte e, embora o barco possa estar indo para o sul, a agulha não deixa de apontar sempre para o norte.

Assim, às vezes parece que a alma está indo direto para o sul, tanto é agitada por distrações; no entanto, o ponto mais alto do espírito sempre olha para o seu Deus, que é o seu norte. Às vezes, as pessoas mais avançadas têm tentações tão grandes, mesmo contra a fé, que lhes parece que toda a sua alma consente, tanto se perturba. Eles têm apenas esse ponto mais alto que resiste, e é essa parte de nós mesmos que faz a oração mental, pois embora todas as nossas outras faculdades e poderes possam estar cheios de distrações, o espírito, seu ponto delicado, está orando.

Agora na oração mental há quatro partes, a primeira das quais é a meditação; a segunda, contemplação; a terceira, ejaculações; e a quarta, uma simples atenção à presença de Deus. A primeira é feita por meio da meditação, desta forma: Tomamos um mistério, por exemplo, Nosso Senhor crucificado. Então, tendo-o retratado assim para nós, consideramos Suas virtudes: o amor que Ele teve ao Pai, que o fez sofrer a morte, até a morte de cruz [Cf. *Fil . 2:8*], em vez de desagradá-lo, ou falar melhor, a fim de agradá-lo; a grande doçura, humildade e paciência com que sofreu tantas injúrias; e, finalmente, Sua imensa caridade para com aqueles que O condenaram à morte, orando por eles em meio aos Seus sofrimentos mais excruciantes. [Cf. *Lk . 23:34*]. Tendo considerado todos esses pontos, nossas afeições serão movidas com um desejo ardente de imitá-lo em suas virtudes; então imploramos ao Pai Eterno que nos torne imagens verdadeiras de Seu Filho. [Cf. *Rom . 8:29*].

A meditação é feita como as abelhas fazem e colhem o mel: elas saem colhendo o mel que cai do céu sobre as flores, extraem um pouco do suco da mesma flor e depois o carregam em suas colméias. Assim, vamos escolhendo as virtudes de Nosso Senhor uma após a outra para extrair delas o desejo de imitação. (Depois, nós os consideramos coletivamente em um único olhar pela contemplação.) Na criação, Deus meditou [Cf. *Tratado , Bk. 6, cap. 5*], pois você não vê que depois de ter criado o céu, Ele disse que era bom? E Ele fez o mesmo depois de ter criado a terra, os animais e, finalmente, o homem. Ele achou tudo bom, considerando um de cada vez, mas vendo tudo junto o que Ele havia feito, Ele disse que era *muito* bom. [Cf. *Ger . 1:10-25, 31*].

A esposa no Cântico dos Cânticos, tendo-a louvado [Divino] Amado pela beleza de Seus olhos, Seus lábios, em suma, de todos os Seus membros um após o outro [Cf. *Cântico* 5:9-16], concluiu assim: Oh, quão belo é meu Amado; oh, como eu O amo, Ele é meu muito querido! Isso é contemplação, pois à força de considerar mistério após mistério como Deus é bom, nos tornamos como as cordas de nossas barcaças. Quando remamos com muita força, essas cordas aquecem tanto que, se não as molharmos, elas pegariam fogo; mas a nossa alma, aquecendo-se de amar Aquele que achou tão amável, continua a contemplá-Lo porque se deleita cada vez mais em contemplá-Lo, tão belo e tão bom.

O Esposo [Divino] no Cântico dos Cânticos diz: Venha, meu amado, pois colhi minha mirra, comi meu pão e meu favo de mel com seu mel, bebi meu vinho com meu leite. Vinde, meus amados, e comei; fiquem embriagados, Meus queridos. [Cf. *Cântico* 5:1, de acordo com a *Septuaginta* e os Pais; também *Tratado* , Bk. 6, cap. 6]. Estas palavras representam para nós os mistérios que vamos celebrar nas próximas semanas. "Recolhi a minha mirra, comi o meu pão": isto foi na Paixão e Morte do Salvador. "Comi o meu mel com o meu favo": foi quando Ele reuniu a sua alma com o seu corpo. Finalmente, o Esposo acrescenta: "Meu vinho com meu leite". O vinho representa a alegria de Sua Ressurreição, e o leite, a doçura de Sua conversa. Ele os bebeu juntos, pois Ele habitou na terra por 40 dias depois de Sua Ressurreição [Cf. *Atos* 1:3], visitando Seus discípulos, fazendo-os tocar em Suas feridas e comendo com eles. Agora, quando Ele diz: "Comam, Meus amados", Ele quer dizer "Meditem"; pois não sabeis que, para tornar a carne própria para ser engolida, é necessário primeiro mastigá-la e torná-la menor, e jogá-la de um lado para o outro na boca? Assim devemos fazer com os mistérios de Nosso Senhor: devemos mastigá-los e revisá-los várias vezes em nossa mente, primeiro para aquecer nossa vontade e depois passar à contemplação.

O Esposo conclui com o seguinte: "Estejam embriagados, Meus queridos". E o que Ele quer dizer? Você sabe bem que não costumamos mastigar vinho, mas apenas engoli-lo; isso representa para nós a contemplação na qual não mastigamos mais, mas apenas engolimos.

"Você meditou o suficiente sobre o fato de que eu sou bom", o Esposo Divino parece dizer ao Seu amado; "Eis-Me, e deleita-te em *ver* que sou assim."

São Francisco [de Assis] passou uma noite inteira repetindo: Você é "meu Tudo". Estando em contemplação, ele pronunciou estas palavras, como se quisesse dizer: Eu considerei Você pedaço por pedaço, ó Meu Senhor, e descobri que Você é muito amável; agora eu te contemplo e vejo que Tu és "meu Tudo". São Bruno contentou-se em dizer: "Ó Bondade!" E Santo Agostinho: "Ó Beleza sempre antiga e sempre nova!" Você é antigo porque é eterno, mas é novo porque traz uma nova doçura ao meu coração. Estas são palavras de contemplação. [Cf. *Tratado* Bk. 6, cap. 5].

Passemos à terceira parte da oração mental, que é feita por meio de ejaculações. Ninguém pode ser dispensado de fazer isso porque pode ser feito enquanto vai e vem sobre seus negócios. Você me diz que não tem tempo para dedicar duas ou três horas à oração; quem lhe pede para fazer isso? Recomende-se a Deus a primeira coisa pela manhã, proteste que não deseja ofendê-lo, e depois vá cuidar de seus negócios, resolvido, no entanto, a elevar seu espírito a Deus, mesmo em meio a companhia. Quem pode impedir você de falar com Ele no fundo do seu coração, já que não faz diferença se você fala com Ele mentalmente ou verbalmente? Faça aspirações curtas, mas fervorosas. A que São Francisco repetiu é excelente, embora fosse uma aspiração de contemplação, porque continua como um rio que está sempre fluindo. É verdade que dizer a Deus: Você é "meu Tudo", e desejar outra coisa que não Ele, não seria correto, porque nossas palavras deveriam estar de acordo com os sentimentos do nosso coração. Mas não devemos hesitar em dizer a Deus: "Eu te amo", mesmo que não tenhamos um forte sentimento de amor, pois desejamos amá-lo e temos um desejo ardente de fazê-lo.

Uma boa maneira de nos acostumarmos a fazer essas ejaculações é pegar as petições do Pai Nosso uma após a outra, escolhendo uma frase para cada dia. Por exemplo, hoje você tomou "Pai nosso que estás nos céus"; assim, primeiro você dirá: "Meu Pai, você que está no céu"; e um

quarto de hora depois você dirá: "Se você é meu Pai, quando serei totalmente sua filha?" Assim, você continuará continuamente após cada quarto de hora para outra parte de sua oração.

Os santos padres que viviam no deserto, aqueles velhos e verdadeiros religiosos, eram tão assíduos em fazer essas orações e ejaculações que São Jerônimo relata que quando alguém foi visitá-los ouviu um dos padres dizer: "Tu, ó meu Deus, são tudo o que desejo"; e outro Pai: "Quando serei todo Teu, ó meu Deus"; e outro repetindo: "Dignifica-te, ó Deus, em me resgatar." [Cf. *Ps* . 70:2]. Em suma, eles ouviram uma harmonia muito agradável na variedade de suas vozes. Mas você me dirá: Se dissermos essas palavras em voz alta, por que você chama isso de oração mental? Porque é feito mentalmente também, e porque vem primeiro do coração.

A Esposa [Divina] diz no Cântico dos Cânticos que Sua amada arrebatou Seu coração com um olhar de seus olhos e com um de seus cabelos que cai sobre seu pescoço. [Cf. *Cântico* 4:9, de acordo com a *Septuaginta* ]. Estas palavras são uma aljava cheia das mais agradáveis e deliciosas interpretações. Aqui está uma que é muito agradável: quando marido e mulher têm assuntos em sua casa que os obrigam a se separar, se por acaso eles se encontram, eles se olham quando passam - mas é apenas porque eram, com um olho, porque, encontrando-se de lado, não podem fazê-lo com ambos. Da mesma forma, este Esposo deseja dizer: Embora a Minha amada esteja muito ocupada, não deixa de me olhar com um olho, assegurando-me com este olhar que ela é toda Minha. Ela arrebatou Meu coração com um de seus cabelos que cai sobre seu pescoço, isto é, com um pensamento que vem de seu coração.

Não falaremos agora de nossa quarta parte da oração mental. Oh, quão felizes seremos se chegarmos ao Céu; pois lá meditaremos, olhando e considerando todas as obras de Deus em detalhes, e veremos que cada uma delas é boa; contemplaremos e veremos que todos juntos são *muito* bons, e nos lançaremos eternamente nEle. <sup>1</sup>

É lá que eu desejo que você esteja. Um homem.

## NOTAS

1. São Francisco de Sales está se referindo ao grande entusiasmo jubiloso dos bem-aventurados no céu. (Suas palavras aqui não são facilmente traduzidas para o inglês.)